

ASPECTOS RELEVANTES SOBRE A APRENDIZAGEM DE UMA TERCEIRA LÍNGUA

Elisângela Nogueira Teixeira¹, Maria Elias Soares¹

Resumo

O objetivo deste artigo é discutir o papel de uma segunda língua (L2) na aprendizagem de uma terceira língua (L3), fenômeno relativamente ainda pouco focado pelas pesquisas em Linguística Aplicada. Trata-se de uma revisão de literatura que pretende apontar alguns aspectos relevantes sobre a aquisição de terceira língua, tomando como base os estudos de Saffran et al. (1996); Thiessen *et al.* (2005); Ellis (1994); Hulstijn (2002); Ringbom (1987); Odlin (1989), dentre outros. O fato de o aprendiz de L3 ser muito distinto do aprendiz de L2 (HUFEISEN, 1991) traduz-se como um argumento fundamental para continuar a estudar a aquisição de segunda língua (ASL) com métodos distintos do estudo da aquisição de terceira língua (ATL). Em vista disso, esta revisão preocupa-se em estabelecer algumas diferenças entre a ASL e a ATL, através da observação de variáveis a serem consideradas no estudo das transferências de L1/L2 para L2/L3, a saber: (i) a proficiência e o estado de ativação da L1 e da L2; (ii) a tipologia das línguas em contato (L2 e L3); (iii) a frequência de ativação dos itens lexicais ou funcionais da L1 e L2. Além disso, este artigo também se detém na análise dos três erros mais comuns encontrados na produção de aprendizes de L2/L3: os de interferência sintática, como a inversão, presentes em pequena proporção; de interferência morfológica, 8% do total (cf. BOUVY, 2000); e do tipo lexical, em sua grande maioria. No trabalho, discutem-se as principais diferenças entre a aquisição da L2 e da L3, em função do aprendiz e de seu conhecimento prévio. Nas considerações finais, apontamos o conhecimento metalinguístico do aprendiz sobre sua L1 e L2 e a relação tipológica entre as línguas em contato (análise das transferências da L2 para a L3) como as duas questões fundamentais caracterizadoras da aprendizagem de uma L3.

Palavras-chave: aquisição de terceira língua; tipologia das línguas; conhecimento metalinguístico.

1 INTRODUÇÃO

Compreender como se dá a aquisição da linguagem ainda é um tema desafiador e controverso. Sabe-se, no caso da aquisição da língua materna, que as crianças o fazem com uma relativa facilidade e rapidez. No entanto, ainda é um mistério como estas crianças conseguem adquirir uma língua. Na linha das pesquisas que seguem as teorias chomskianas, estão aquelas que pretendem deprender os mecanismos cognitivos universais. Partem da hipótese básica de que os seres humanos nascem com um dispositivo inato específico para a linguagem, uma vez que aprendem rapidamente as complexas regras de sua língua materna. Este argumento, conhecido pelo nome de “Pobreza do Estímulo”, é amplamente defendido por inúmeros pesquisadores, dentre eles Steven Pinker.

Seguindo uma corrente oposta a do argumento da pobreza do estímulo, estão as pesquisas que investigam as estratégias computacionais dos aprendizes para detectar modelos estatísticos e prosódicos do *input* linguístico (SAFFRAN *et al.*, 1996; THIESSEN *et al.*, 2005). Essas pesquisas têm por objetivo compreender como essa detecção auxilia o aprendiz na segmentação das frases, das palavras e dos fonemas. Desse modo, a exposição continuada a um sistema linguístico seria aquilo que levaria o aprendiz a deprender regularidades e, conseqüentemente, a produzi-las, logo após tê-las adquirido.

Uma vez que o indivíduo já possui a sua língua materna (L1), este pode passar no decorrer da sua vida pela experiência de aprender uma segunda língua (L2) e, eventualmente, uma terceira (L3) ou quarta, para o caso de indivíduos

¹ Universidade Federal do Ceará/UFC. Endereço para correspondência: teixeiraelis@gmail.com, meliassoares@gmail.com

multilíngues. Mas quais seriam os mecanismos envolvidos na aprendizagem de uma L2? E na aprendizagem de uma L3? Seriam estes semelhantes aos envolvidos na aquisição da L1?

Pesquisadores (ELLIS, 1994; HULSTIJN, 2002) já constataram que a experiência de aprender uma língua estrangeira é de natureza distinta daquela que é adquirir² uma língua materna. Muitos estudos (RINGBOM, 1987; ODLIN, 1989; ELLIS, 1994) voltaram-se para essa questão, observando haver aquilo que foi nomeado como transferência. A transferência seria “a influência resultante das semelhanças e diferenças entre a língua alvo e qualquer outra língua previamente adquirida” (ODLIN, 1989 *apud* MARTÍN MARTÍN, 2004). Sendo as línguas semelhantes, como no caso do Português e do Espanhol, o fenômeno da transferência é saliente. A transferência é uma espécie de influência que um sistema consolidado exerce sobre o outro em vias de consolidar-se.

Nos estudos sobre a transferência, a discussão da influência linguística tem tido como foco principal o papel da L1 na produção/aquisição da L2. Esta influência linguística é observada na interlíngua do aprendiz, sob várias formas, tais como a inventividade lexical, o erro na marcação do gênero ou o uso de estruturas sintáticas canônicas da L1.

Este artigo tem por objetivo tratar de um fenômeno correlato ao exposto acima, mas que, apesar do crescente interesse observado nos últimos anos, ainda é um assunto pouco enfocado pelas pesquisas em Linguística Aplicada. O problema, portanto, que será aqui abordado é aquele que trata do papel de uma L2, previamente adquirida, na aquisição de uma nova língua, uma L3.

Assim como a língua materna, uma língua previamente aprendida, mesmo de forma incompleta, exerce uma forte influência na produção de um aprendiz de uma terceira língua. Para tratar deste assunto, este artigo está dividido em três seções. Na primeira, enfocam-se as principais diferenças entre a aquisição de segunda língua (ASL) e aquisição de terceira língua (ATL); na segunda, abordam-se as variáveis a serem consideradas no estudo das transferências de L1/L2 para L2/L3; e na terceira seção, elencam-se os principais erros encontrados na produção de aprendizes de L2/L3.

2 PRINCIPAIS DIFERENÇAS ENTRE A AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA (ASL) E AQUISIÇÃO DE TERCEIRA LÍNGUA (ATL)

Apropriar-se de uma terceira língua (L3) é tornar-se um indivíduo multilíngue. O multilinguismo tem despertado o interesse de muitos pesquisadores e professores de

idiomas, principalmente em contextos sociais nos quais os indivíduos necessitam dominar mais de dois idiomas (JESSNER, 2008, p. 27). Na Europa, há muitos países bilíngues cujos habitantes precisam adquirir conhecimento de uma terceira língua, como na região da Catalunha, na Espanha, onde se fala o Catalão e o Espanhol e se ensina o Inglês ou o Francês como terceira língua. A Suíça, por exemplo, onde há três línguas oficiais (italiano, francês e alemão), encoraja seus habitantes a adquirir pelo menos duas delas, a materna e uma L2, fora o fato de que seus habitantes aprendem na escola o Inglês como L3.

O primeiro pesquisador a estudar esse tema foi o linguista alemão Maximilian Braun, no artigo “*Beobachtungen zur Frage der Mehrsprachigkeit*” (Observações sobre a questão do multilinguismo), publicado em 1937. Neste artigo, Braun faz uma distinção entre dois tipos de multilinguismo: multilinguismo natural e multilinguismo aprendido. Enquanto multilinguismo natural seria “a perfeita proficiência ativa e balanceada de duas ou mais línguas”³, adquirido desde o nascimento (BRAUN, 1937, *apud* JESSNER, 2008, p. 16); o multilinguismo aprendido dificilmente poderia resultar numa proficiência ativa e equilibrada das línguas, exceto em alguns casos pouco usuais relacionados a circunstâncias específicas.

Na literatura sobre aquisição de L3, com raras exceções, poucas vezes se usa o termo multilinguismo para referir-se à aprendizagem de mais de duas línguas. Os pesquisadores da área preferiram adotar o termo aquisição de terceira língua, sob a sigla TLA (third language acquisition), terminologia em contraste com a da aquisição da segunda língua (SLA, second language acquisition).

Os estudos voltados para a aquisição da L3 perceberam-na como semelhante à aquisição da L2, ou seja, a aprendizagem de ambas as línguas seria guiada pelos mesmos mecanismos. Entretanto, é cada vez mais crescente o número de pesquisadores que reconhecem a necessidade de comprovar a tese de que há diferenças na aquisição de L2 e L3.

Cenoz (2000 *apud* JESSNER, 2008, p.19) alerta para diferentes tipos de ATL: (i) aquisição simultânea de L1/L2/L3; (ii) aquisição consecutiva de L1, L2 e L3; (iii) aquisição simultânea de L2/L3 após aprendizagem de L1; e (iv) aquisição simultânea de L1/L2 antes da aprendizagem de L3. Além disso, essa aquisição, assinala a autora, está sujeita a acontecer em três contextos distintos: em contexto natural e/ou em contexto instrucional.

2.1 Aprendiz de L3 versus aprendiz de L2

Segundo Hufeisen (1991), o aprendiz de L3 é muito distinto do aprendiz de L2, o que se traduz como mais um

² Neste artigo, os termos aquisição e aprendizagem são tratados como sinônimos, apesar de não serem tratados desta forma pela literatura especializada, que vem usando o termo aquisição para referir-se à língua materna enquanto usa o termo aprendizagem para se referir ao esforço consciente feito pelo aprendiz de uma segunda ou terceira língua.

³ As traduções para o português são das autoras, salvo indicação contrária.

argumento importante para estudar a ASL com métodos distintos do estudo da ATL.

Enquanto que o aprendiz de L2 se depara pela primeira vez com o processo de aprender uma segunda língua, o aprendiz de L3 já foi submetido a este processo e já deve ter, como aponta Hufeisen (1991 *apud* JESSNER, 2008, p. 23) “acumulado (consciente ou subconscientemente) técnicas individuais e estratégias para lidar com tal situação”. Outro fator, não menos importante, a ser considerado é a intuição que o aprendiz de L3 desenvolveu sobre seu próprio processo (estilo) de aprendizagem. Na ATL, os aprendizes já possuem a experiência individual de aprender L2, já desenvolveram suas próprias estratégias de aprendizagem e usam as interlínguas que construíram no processo de aquisição de outras línguas. Portanto, é na aquisição da L3 que a L2 desempenha o papel de linguagem básica que sustentará o processo de aprendizagem. Em suma, os aprendizes de L3 dispõem de competência e conhecimento linguísticos específicos de que os aprendizes de L2 não dispõem.

Se colocados lado a lado, é grande o contraste entre aprendizes de L2 e de L3. A diferença entre eles está no grau de conhecimento de suas L1 e/ou L2, nos tipos de consciência linguística e nos sistemas de processamento linguístico que desenvolveram.

A consciência linguística é um fator que facilita a aprendizagem de uma L3 porque permite que o aprendiz transfira conhecimentos previamente adquiridos para a aprendizagem da nova língua, construindo assim uma interlíngua que serve como ponte para o perfeito domínio da língua alvo (língua-meta). A interlíngua é, como deixa transparecer o nome, uma fase de transição “entre línguas”.

2.2 Variáveis no estudo das transferências de L1/L2 para L2/L3

Nesta seção, serão enfocados apenas os problemas resultantes da aquisição consecutiva de L1, L2 e L3 em contextos instrucionais, já que o que se pretende explicar é a influência de línguas previamente adquiridas na aprendizagem instrucional de outras. Para isso, é importante perguntar, quais as variáveis implicadas quando duas ou mais línguas entram em contato em um contexto de aprendizagem.

A transferência, como dito acima, é um fenômeno que utiliza o conhecimento de habilidades linguísticas previamente adquiridas como uma estratégia de compensação no processo de aprendizagem de uma L2. Os estudos que observaram a transferência apontam para o fato de que ela é mais comum quando há um alto grau de semelhança entre as línguas em jogo.

A interferência é descrita como um tipo negativo de transferência, já que seu conceito se relaciona aos erros perceptíveis nos diversos níveis da linguagem: fonético-articulatório, sintático, léxico-semântico.

Tais conceitos são usados como parâmetros para mensurar as influências interlinguísticas. O uso de empréstimos, as invenções lexicais a partir da regra fonológica da L1 ou L2 são exemplos de fenômenos observados na interlíngua do aprendiz que permitem mensurar a influência dos idiomas previamente adquiridos.

Há algumas diferenças entre as transferências/influências que exercem a L1 e a L2 na aquisição da L3. Para Hammarberg (2001 *apud* RAZUK, 2008, p. 36), a L1 desempenha um papel instrumental na aquisição da L3, enquanto que a L2 seria uma espécie de fornecedor. O aprendiz usaria seu conhecimento na L1 sobretudo para adquirir o vocabulário da L3 e para saber reagir às diversas situações de comunicação, fazendo uso dos seus conhecimentos pragmáticos e conversacionais adquiridos na L1. O papel da L2, não menos importante, seria fornecer aspectos formais, porque se circunscreve ao domínio da forma (numa oposição forma vs conteúdo), auxiliando o aprendiz, por exemplo, na aquisição do sistema fonético-articulatório da L3.

Estudos mais antigos como o de Selinker & Lakshmanan (1992 *apud* MURPHY, 2003, p. 1) já salientaram o fenômeno das múltiplas transferências, defendido por um princípio que ficou conhecido como o Princípio dos Efeitos Múltiplos (PEM - Multiple Effects Principle). O PEM relaciona os fenômenos da transferência e fossilização (erros e/ou desvios permanentes no uso de línguas não-maternas) com a aprendizagem de L3. Através de uma rede complexa e intrincada, o aprendiz faria múltiplas transferências de suas L2 e/ou L1 na aquisição de L3 ou L2.

Murphy (2003, p.1) aponta para o fato de que a descrição acima das múltiplas transferências não é rigorosa a ponto de demonstrar a natureza da diferença da aprendizagem de L3. Entretanto, enfatiza que há alguns fatores que podem levar a uma importante diferença qualitativa na transferência das competências da L2 para a L3. Como apontado na seção precedente, essa diferença pode ser estabelecida, tomando-se as seguintes categorias: (i) o *background* do aprendiz (ver tópico 2.1 acima) e (ii) o *background* linguístico do aprendiz.

No que diz respeito ao *background* linguístico do aprendiz, os fatores a serem considerados são:

1. a proficiência e o estado de ativação da L1 e da L2;
2. a tipologia das línguas em contato (L2 e L3);
3. a frequência de ativação dos itens lexicais ou funcionais da L1 e L2.

A **proficiência** e o estado de ativação da L1 e da L2 são o modo como as línguas conhecidas pelo aprendiz de L3 estão no momento do processamento linguístico da L3 (GROSJEAN, 1998, 2001 *apud* JESSNER, 2008, p. 22). Mesmo que o indivíduo seja proficiente em duas línguas, muito se levará em conta, na transferência e influência linguísticas, o grau de ativação destas línguas.

Obviamente, quanto mais ativadas estejam essas línguas, mais facilmente podem influenciar na produção do aprendiz. O estado de ativação ou o modo da linguagem (the language mode) depende, como elenca ainda Grosjean (1998), de vários fatores, tais como: (i) o hábito dos participantes de alternar as línguas; (ii) os modos usuais de interação; (iii) a presença de monolíngues na interação comunicativa; (iv) o grau de formalidade da interação; (v) a forma e o conteúdo da mensagem enunciada ou ouvida; e (vi) o status socio-econômico dos interlocutores na comunicação.

A **tipologia** das línguas em contato é um aspecto fundamental a ser levado em consideração. Faz-se uma diferença entre línguas tipologicamente próximas e línguas tipologicamente distantes. A influência da L2 ou da L1 na aprendizagem da L3 estabelece uma correlação direta com a proximidade ou distância tipológica entre as línguas. Estudos empíricos sobre transferência linguística entre aprendizes com diferentes conhecimentos prévios mostram que a tipologia linguística é tão importante que chega a suprimir variáveis importantes como a proficiência (vista acima). (DEBOT, 1992; POULISSE, 1990 *apud* MURPHY, 2003, p. 14).

A aproximação tipológica entre L2 e L3, como por exemplo um aprendiz de L3 Italiano, com L2 Espanhol e L1 Inglês, facilita a transferência linguística. Além disso, a consciência dos aprendizes acerca da tipologia das línguas aprendidas tem um efeito direto na extensão da transferência de suas línguas previamente adquiridas.

A **frequência** com a qual um termo de uma língua aparece na L1 aumenta sua probabilidade de ser transferido para a L2 (LARSEN-FREEMAN, 1976, *apud* MURPHY, 2003, p. 15). Termos raros de uma língua são compreendidos pelos seus falantes como itens marcados, o que diminui a probabilidade de serem transferidos na aprendizagem de uma língua, já que pertencem ao nível da consciência do falante. Isso quer dizer que atitudes de transferência de vocábulos são não-intencionais, sobretudo de vocábulos funcionais (formas dependentes) da língua, como as conjunções, preposições, artigos e até mesmo numerais, nos primeiros estágios de aprendizagem.

A transferência de lexemas (formas livres da língua) é também bastante percebida pelos pesquisadores, mas não se equipara à transferência das palavras funcionais. Somando-se a esse fato ainda está o maior grau de consciência do aprendiz de L3, quando toma emprestado o léxico da L2 ou L1 na produção da L3, já que muitas vezes até enuncia esse empréstimo, procedendo a perguntas do tipo “Como se diz esta palavra nesta língua?”. O falante faz

empréstimos lexicais normalmente quando precisa suprir uma lacuna lexical, sendo visto este tipo de alternância de código como intencional.

2.3. Principais erros encontrados na produção de aprendizes de L2/L3

A influência entre línguas é especialmente percebida quando é analisada a produção oral de aprendizes de L3. Percebe-se que a linguagem do aprendiz é permeada por produções involuntárias da interlíngua, ou seja, por modos de expressar-se que utilizam formas inteiras ou parciais da L2. Como dito na seção anterior, há muitas variáveis que podem condicionar essas transferências. Por exemplo, falantes nativos de português brasileiro com L2 Inglês quando submetidos ao estudo de L3 Espanhol ou Francês, recorrem com muito mais facilidade à L1 do que a L2, haja vista a semelhança entre Português, Espanhol e Francês. Parece contraproducente recorrer à L2 Inglês, mas isso, obviamente, dependeria do grau de ativação da L2. Falantes nativos de português brasileiro, por exemplo, que possuem L2 Inglês, ao estudarem L3 Alemão, constantemente transferem formas livres (lexemas) ou formas presas (morfemas gramaticais) da L2, como por exemplo em produções do tipo: “Ich spreche *German*”⁴ e “Ich spreche nicht Deutsches, *but*”⁵ ich spreche Englisch”.

Os estudos sobre os erros encontrados na produção da L3 (BOUVY, 2000 *apud* RAZUK, 2008, p. 38) observam que os tipos principais são:

1. de interferência sintática, como a inversão, normalmente presentes em pequena proporção;
2. de interferência morfológica, cerca de 8% do total analisado pelo estudo de Bouvy (2000);
3. lexicais, em sua grande maioria.

Os erros variam em função dos fatores que determinam a transferência na aprendizagem da L3, ou seja, dependem do nível de ativação da L2, do estágio inicial de aquisição da L3, e dos inúmeros fatores discursivo-pragmáticos a que estão submetidos os falantes nas diversas situações de comunicação.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo tinha como objetivo apontar alguns aspectos relevantes sobre a aquisição de uma terceira língua. Foram apresentadas as principais diferenças entre a aquisição da L2 e da L3, analisando duas variáveis importantes nesta aprendizagem: o aprendiz e seu conhecimento prévio.

⁴ Inglês: German; Alemão: Deutsch.

⁵ Inglês: but; Alemão: aber.

As questões fundamentais que se diferenciam na aprendizagem de uma L3 são, sobretudo, o conhecimento metalinguístico que o aprendiz possui de sua língua materna e de sua segunda língua, levando-o a ser mais consciente em relação aos seus processos de aprendizagem e à combinação tipológica das línguas em contato, que prediz ser a proximidade tipológica o principal fator na análise das transferências da L2 para a L3.

Ao longo do trabalho, algumas perguntas, no entanto, permaneceram sem resposta. A primeira delas diz respeito à distinção sobre a influência das línguas. Ora, excetuando-se os empréstimos lexicais, como medir a interferência sintática na aprendizagem de uma terceira língua? Sabe-se que a organização frasal é semelhante em muitos idiomas, que segue uma ordem rígida, com pouca flexibilidade em relação à ordem das palavras. Seria possível, então, medir sua influência na aprendizagem da L3 por meio apenas da observação da produção oral e escrita dos aprendizes?

Um outro aspecto importante, também não desenvolvido neste trabalho, é o que concerne ao tratamento das variáveis de nível educacional e idade dos aprendizes de L3. As atitudes individuais dos aprendizes também são fatores relevantes a serem considerados no estudo das transferências. Há aqueles que confiam em sua língua materna e outros que desconfiam dela e preferem não fazer transferências de uma língua a outra, porque costumam ser pessoas que procedem a uma vigilância constante do seu aprendizado.

A compreensão do funcionamento da aprendizagem de uma L3 é um importante tema a ser investigado porque possui o potencial de elucidar muitas das perguntas sobre o processamento monolíngue e multilíngue. Pesquisas que investiguem os correlatos neuronais do armazenamento lexical, por exemplo, podem revelar características da arquitetura da linguagem e de suas redes de relações, por meio da observação do fenômeno da transferência em falantes de pelo menos dois idiomas.

4 REFERÊNCIAS

BRAUN, M. Beobachtungen zur Frageder Mehrsprachigkeit. *Göttingische Gelehrte Anzeigen*, 4, 115–130, 1937.

ELLIS, N. (Org.) *Implicit and Explicit Learning of Languages*. London. Academic Press, 1994.

HULSTIJN, J.H. Towards a unified account of the representation, processing and acquisition of second language knowledge. *Second Language Research*, 18, 193-223, 2002.

JESSNER, U. Teaching third languages: findings, trends and challenges. *Language Teaching*, 41:1, 15-56, 2008.

MARTÍN MARTÍN, J. M. La adquisición de la lengua materna (L1) y el aprendizaje de una segunda lengua (L2)/ lengua extranjera (LE): procesos cognitivos y factores condicionantes in SÁNCHEZ LOBATO, J.; SANTOS GARGALLO, I. (directores) *Vademécum para la formación de profesores*. Enseñar español como segunda lengua (L2)/ lengua extranjera (LE). SGEL, Sociedad General Española de Librería, Madrid, 2004.

MURPHY, S. Second Language Transfer During Third Language Acquisition. *Working papers in TESOL & Applied Linguistics*. v. 3, n. 1, 2003. Acessado em 28/06/2009 no endereço web: <http://journals.tc-library.org/index.php/tesol/article/viewFile/23/28>.

ODLIN, T. *Language Transfer: Cross-linguistic influence in language learning*. Cambridge University Press, 1989.

RAZUK, R. O. Do Inglês L1 ao Português L3 passando pelo Espanhol L2: Transferências em Regência/Transitividade Verbal, com foco nas preposições. Tese (Doutorado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio De Janeiro - Puc-Rio, Brasil, 2008.

RINGBOM, H. *The Role of the First Language in Foreign Language Learning*. Clevedon: Multilingual Matters, 1987.

SAFFRAN, J. R., ASLIN, R. N., NEWPORT, E. L. Statistical learning by 8-month-old infants. *Science*, 274, 1926–1928, 1996.

SELINKER, L., & LAKSHMANAN, U. Language transfer and fossilization: The “Multiple Effects Principle.” In S. GASS & L. SELINKER (EDS.) *Language transfer in language learning* (Rev. ed., p. 197-216). Philadelphia, PA: John Benjamins, 1993.

THIESSEN, E. D., HILL, E. A., SAFFRAN, J. R. Infant directed speech facilitates word segmentation. *Infancy*, 7, 49–67, 2005.